

importance while focusing on *The New Negro*, edited by Alain Locke in 1925. To better understand the context and manner in which this movement influenced modern Angolan poetry, this work will focus on the role of Angolan poet, essayist, anthologist and political vanguardist Mario Pinto de Andrade as a promoter of ideas while examining how anti-colonial Angolan poetry joined the Harlem Renaissance in *singing* the death of colonialism. It will explore thematic and aesthetic elements of dialogue between this poetry and Alan Locke's *New Negro* in creating a literary and political language of change. This language intends to inspire, empower and liberate the colonized from distorted perspectives and stereotypes – prompting a metamorphic process of self-definition and expression fundamental in forging an Angolan identity and conceptualizing an ideology that would serve as the basis for political action against colonialism.

Lupati, Federica

CHAM, FCSH-NOVA

Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Descolonizar o saber, decolonizar o género: ancestralidades, território e resistência na escrita de mulheres indígenas brasileiras

Em *Metade cara, metade máscara*, Eliane Potiguara relembra o processo de exploração laboral e sexual pelo qual as mulheres indígenas passaram (e passam), a partir da diáspora indígena, e como esta foi impulsionada pela ocidentalização das Américas. Graça Graúna, crítica e escritora indígena diz que “a representação da mulher indígena na sociedade não índia foi articulada, desde a colonização, com requintes de malícia, discriminação, brutalidade, preconceito” (Graúna 2013, 102). A subalternização das mulheres indígenas advém das consequências da colonialidade do poder. Walter Mignolo (2008) destaca que “a opção decolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento” (290). No Brasil, as escritoras indígenas conferem outras percepções de mundo, inovadoras para o sistema literário, reestruturando-o com base num pensamento anticolonialista, antirracista, e, muito especificamente, decolonial. Contrárias à hegemonia masculina, e defensoras da autonomia feminina, escrevem o presente e ressignificam o passado. Nas suas escritas, as mulheres indígenas destituem o passado colonial e questionam a subalternidade e o esquecimento impostos, ao mesmo tempo construindo, em uma ação coletiva ancestral, uma literatura de denúncia e engajamento, pela qual se autoafirmam enquanto mulheres e enquanto indígenas.

Luz, Hilarino da

CHAM, FCSH- NOVA

Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Resistência e Decolonialidade na Obra *De risos & lágrimas* de Vera Duarte

Vera Duarte, uma escritora cabo-verdiana de referência, assegura “a bandeira” de representação da mulher africana, no geral, e da mulher cabo-verdiana, em particular. A sua produção literária incorpora uma dialética corporativa que vislumbra várias lutas, havendo a destacar a conquista da liberdade da mulher para a mulher e da mulher face ao homem. Constrói, com isso, uma série

posicional e uma obstrução ao contexto machista, visando a valorização de uma reconfiguração decolonial, já que essa liberdade é uma condição necessária na projeção do “amanhã”. Esse amanhã, que, na visão da autora, pode ser programado na madrugada anterior, dá espaço e tempo para que ela possa construir um certo “sortilégio” capaz de fazer com que ganhe forma e expresse quotidianamente o seu projeto de “explodir” e rasurar memórias, periferias e consiga ajudar a construir e a conquistar novos espaços, onde a voz e a vez deverão ser autênticas. Desta feita, a sua escrita também é a construção de uma cosmovisão que procura a renovação do lugar, espaço, ser e vez. Assim, pretendemos, com esta comunicação, abordar a resistência e a decolonialidade na obra *De risos & lágrimas* (2018) de Vera Duarte.

Macedo, Isabel & Cabecinhas, Rosa

Macedo, Isabel
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade,
Universidade do Minho, Portugal

Cabecinhas, Rosa
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade,
Universidade do Minho, Portugal

Memória, diáspora e reflexões identitárias em três curtas-metragens portuguesas

Fanon (1956/1980, p. 44) considera que “um país colonial é um país racista” e países coloniais são todos aqueles em que persiste a colonialidade do poder, do saber e do ser. Em Portugal, o processo de descolonização (que começou após o fim de uma ditadura de 48 anos e uma longa guerra colonial) desencadeou grandes fluxos populacionais, e foi marcado pela segregação, invisibilidade, e novas e complexas identidades. Na viragem do século XXI, este contexto social inspirou um cinema de contra-representação, que proporcionou uma arena para vozes que até então tinham sido relegadas para espaços visuais subalternos.

Os filmes portugueses têm-se concentrado na narrativa do imaginário da nação (Baptista 2010) e as suas histórias têm estado intimamente ligadas à ideia de nação, mesmo nos últimos anos (Liz 2018). Isto é visível, por exemplo, nos documentários (Macedo, Bastos e Cabecinhas 2017), onde são recorrentes os temas que dizem respeito às memórias do passado recente (colonialismo, estado novo, guerra colonial, ditadura, país multicultural como resultado de um passado colonial, etc.), mas também no cinema de ficção recente. Nesta apresentação, iremos explorar as memórias e reflexões identitárias em três curta-metragens recentes, documentário e ficção. *Nha Mila* (2020), de Denise Fernandes, um filme sobre uma jovem, Salomé, que depois de 14 anos longe da sua terra natal, viaja para a Ilha de Santiago, Cabo-Verde, para ver o seu irmão que está doente; *Ruby* (2019), de Mariana Gaivão, que retrata o percurso migratório e identitário de uma jovem, descendente de pais ingleses que vivem agora em Portugal, onde esta cresceu e se move entre dois mundos; e *Bustarenga* (2019), de Ana Maria Gomes, que explora a relação de Ana com a aldeia onde nasceu em Portugal, onde passa os seus verões. Estas três curtas-metragens abordam os percursos migratórios de três jovens mulheres, as experiências de deslocação e vivência entre dois mundos, pelo olhar de outras três mulheres realizadoras.